



MATEMOS A FILOSOFIA, E MATAREMOS O PRÓPRIO HOMEM: SOBRE A REFORMA DO ENSINO MÉDIO E OUTRAS COISAS MAIS

Edimar Brígido¹

No diálogo Górgias, escrito por Platão, é possível encontrar uma anedota que passa quase despercebida aos olhos do leitor apressado. Cálicles e Sócrates, personagens do diálogo, discutem a respeito da importância da Filosofia, quando o primeiro aconselha Sócrates a abandonar a atividade filosófica, alegando que ela não oferece nada de útil à sociedade: não constrói casas, não gera riquezas, não salva vidas. “Se prosseguir filosofando até uma idade avançada, forçosamente ficará ignorando tudo o que realmente importa conhecer [...] é procedimento ridículo, indigno de homens e merecedor de açoites. É precisamente isso que se dá comigo com relação aos que se dedicam à Filosofia”, argumenta ele.

Na linguagem habermasiana, Cálicles representa os ideais tecnocratas daqueles que desejam silenciar a atividade filosófica, em favor de uma agenda mais positivista, alimentada pela lógica capitalista que transforma saberes em produtos, disponibilizando-os para aquisição no Mercado. Para eles, os homens deveriam se dedicar à atividades “mais importantes”, aquelas que podem, de forma pragmática, contribuir com o tão desejado desenvolvimento social, fomentando o *progresso* da humanidade. Sócrates, o interlocutor que não se deixa ludibriar pela argumentação astuta e revestida de boas intenções, explica para o amigo que deixar de filosofar é simplesmente impossível, porque é impossível deixar de se espantar com a existência. A Filosofia nasce e se renova no embate do homem frente ao mundo, e isso não se pode silenciar: matar a filosofia significa matar o próprio homem.

Resgatando uma moldura típica do Regime Militar, no Brasil tramitam propostas legislativas que pretendem excluir a oferta de cursos da área de Ciências Humanas nas

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor da Faculdade Vicentina.

Universidades Federais. Seria essa a forma do progresso? No âmbito Federal, em nome de um projeto de modernização, a Reforma do Ensino Médio eliminou as disciplinas de Filosofia e de Sociologia da grade curricular obrigatória; agora elas são *optativas*. Lamentavelmente, chamam isso de autonomia.

A nova ordem econômica é enxugar gastos, e a Filosofia não está a salvo dessa exigência. Como se fosse possível formar bons cidadãos e cientistas competentes sem recorrer aos pressupostos filosóficos que servem de suporte fundamental para a própria ciência. A Biologia e a Medicina precisam da Filosofia para problematizar o mistério da vida; o mesmo se passa com a Física e a Química que necessitam da Filosofia para levantar questões acerca da origem da matéria. A Filosofia é indispensável para a formação intelectual alicerçada em valores republicanos, acreditar no contrário seria um erro absurdo. Fazendo coro as sábias palavras de Cassirer: "A filosofia não se separa da ciência natural, da história, da ciência do direito e da política, mas, de certo modo, constitui para todas elas a respiração vivificante, a única atmosfera na qual podem existir e atuar".

Ainda que as articulações políticas e as convulsões súbitas pareçam ameaçar a tranquilidade da reflexão filosófica, elas são, na verdade, estertores de uma realidade que está prestes a morrer, e que, por reconhecer essa inevitável fatalidade, revoltam-se mais ferozmente contra a Filosofia. Por tudo isso, mais do que nunca: *Sapere Aude!*